The interview is with an activist of MABE, Movimento dos Atingidos pela Base Espacial de Alcântara (Movement of those Affected by the Space Centre of Alcântara, Maranhão, Brazil). MABE is an organization that brings together the communities of the ethnic territories of Alcântara in the defence of their rights and their dignity in the face of the environmental damages caused by the installation of the rocket launching base of the Brazilian Space Agency. MABE works with local quilombos (communities of people descended from black people who escaped enslavement) to maintain what their ancestors achieved - possession of the land and the right to live an autonomous way of life.

The interview was carried out by Luciane Rocha in 2017.

**Parte 1**

**LUCIANE**  
Eu vou perguntar de novo se o senhor me dá autorização para gravar, só para ficar registrado. O Senhor me dá autorização para gravar?

**XXXX**

Dou

**LUCIANE**

Dá, então tá bom.

Senhor XXXX, o senhor poderia se apresentar para a gente, dizer seu nome idade, de onde você vem...?

**XXXX**

Tá bom! Eu sou XXXX, sou da comunidade quilombola de Brito, do município de Alcântara. Tenho 67 anos. Sou o Presidente da Associação lá da Comunidade, sou representante do Movimento dos Atingidos pela Base Espacial, o MABE, um dos coordenadores, e também faço parte do Sindicato dos Trabalhadore Rurais, como Delegado Sindical do Sindicato dos Trabalhadore Rurais de Alcântara.

Ao longo desse tempo que estou no Sindicato a gente está nessa luta, há mais de 30 anos. Estou desde 1984 como Delegado Sindical, e de lá pra cá estamos enfrentando a luta…

Desde de 1984 até, por volta, de 1998, passamos a ter conhecimento da nossa história como Quilombolas, porque até então nós não tínhamos esse conhecimento, não é? E, com a chegada da Base, em 1980, a luta se acirrou cada vez mais. O preconceito lá é contra os Quilombolas,[para a retirada de suas áreas, de onde eles vivem para o projeto da base espacial.

**LUCIANE**

Então em 1980, quando chega a base, que vocês começam a se articular politicamente para para barrar ou para eu ir contra o avanço da base? Foi isso que aconteceu?

**XXXX**

Em 1980, quando a Base chegou, a gente já estava organizado no Sindicato, mas começamos a enfrentar essa luta a partir de 1980. Entre 1983 e 1985, o negócio ficou bem mais sério. Aí, de lá pra cá, essa luta continuou. Em determinados momentos ela dá uma parada, de acordo com o movimento do Governo, e, depois, de acordo com o plano do Governo, ela retorna a acirrar.

Foram 3 etapas [da luta]: a primeira, a implantação da base em 1980. Depois, após uns 10 anos ou mais, ela deu uma parada. Depois veio o momento em que a base, a plataforma, incendiou. Aí o movimento deu uma esfriada de novo.

Aí, de 2005 para 2007, o governo resolveu fazer um acordo com a OTAN . E então, voltou a luta de novo, para enfrentar uma batalha bem mais acirrada. Aí já foi para tirar as empresas que já estavam trabalhando na área para fazer a nova base de lançamento. Foi uma luta muito grande mas, graças a Deus, nós conseguimos vencer. Conseguimos fazer com que retirassem as máquinas de lá e levassem para dentro da área do centro de lançamento. E continuamos com a luta. Passados mais 2 anos, acalmou de novo.

Agora, no passado, desde 2016, o Governo Temer assumiu. E ele está querendo negociar com vários países. A princípio têm 4 países interessados: Estados Unidos, Rússia, França e Israel. Mas quem está mais na linha de frente são os Estados Unidos. E a gente não está aceitando esse negócio de expansão, porque o projeto tem 62 mil hectares, na área do decreto, mas eles estão instalados em 8.500 hectares. E agora estão querendo mais 12 mil para completar a chamada expansão. Que é toda área do litoral de Alcântara.

**Renata**  
E a Ucrânia? o Acordo com a Ucrânia já terminou?

**XXXX**

Não, o acordo com a Ucrânia ainda não terminou. A construção que está parada, por falta de verba dos países. Parou a obra. E está parada mesmo, não tem previsão de continuar. Mas o acordo ainda está de pé e, se eu não tô enganado, vai até 2020. A não ser que o governo resolva pagar a rescisão do contrato. Mas, mesmo que ele não renuncie o contrato com a Ucrânia, ele quer expandir, ele quer alugar a área que não está nesta parte da Ucrânia. A Ucrânia ia trabalhar dentro da área deles mesmo, que são os 8.500 hectares de terra que eles sob o domínio deles, as terras da base militar.

Então, o projeto da Ucrânia estava dentro dessa área de 8 mil. Agora eles querem alugar outra parte. Depois dessa área do projeto da Ucrânia, que atravessa o Igarapé de Mamuna, agora eles querem fazer de Mamuna pra lá… até completar os 4 primeiros ciclos, que são os 12 mil hectares que eles querem.

Portanto, voltamos a enfrentar essa luta de novo. Estamos na batalha, batendo o pé que não vamos aceitar realocação, porque eles querem tirar todas essas comunidades, desses 12 mil hectares. Querem tirar todo mundo e levar para o sul município, antes de Tamatatiba de quem vem pra Alcântara [...]

Querem colocar a gente em uma área que vai ficar longe da área de pesca. As terras, elas produzem, mas já não é o suficiente para receber uma quantidade de pessoas além do que já tem. A terra de lá dá somente para quem já está lá. Aquelas famílias que nasceram lá e se criaram lá. Aí a terra tem que dar, porque eles não têm para onde ir. Mas, para mais famílias, além do que já tem lá, é insuficiente. Por isso nós não vamos aceitar, de maneira nenhuma. Semana passada, no dia 18, nós tivemos uma audiência no Ministério Público, tivemos outra na Câmara dos Deputados, e nós não vamos aceitar, não.

**LUCIANE**

Antes da gente avançar e falar das audiências, você pode contar pra gente como era a vida nos quilombos? Vocês nem chamavam de quilombo na época, não é? E como era a vida nessas terras antes de 1980?

**XXXX**

A vida nessas terras antes de 1980, principalmente, nessas comunidades que foram realocadas, era uma vida que a gente chama de tradicional. Tinham muitos costumes e pouco mudou depois que foram para as Agrovilas. Mas, tem a questão da pesca, que eles perderam, porque eles ficavam bem perto do litoral. E, hoje, para pescar, você tem que ir em um dia, passar uma noite, para pescar no outro dia. Tem que ir de moto, bicicleta ou de carro, porque é muito longe. Então, isso mudou muito.

A questão de recursos naturais, como a pescaria e a própria terra para trabalhar…. As terras tinham muito açaí, muito babaçu e um produto aqui das nossas praias chamado Guajuru.... A partir desse período, de outubro a dezembro, dá muito... Então, aquele povo de Mamuda, Marudá, Peru… utilizavam esses recursos que tinham em toda essa área da qual eles foram retirados. Depois que mudaram para as agrovilas, não tiveram mais nada, tiveram só aquelas terras para trabalhar. E tem pessoas que ganharam terras que não prestam para fazer nada. Que as terras só têm tiririca, um capim da região que nos corta... não servem nem pra trabalhar.

Então foi uma mudança muito grande para esse povo. Só qua para nós, que ainda não fomos realocados, a gente continua trabalhando da mesma maneira que era de costume. Mas, tememos ser realocados e a vida piorar. Eu não tenho nenhuma dúvida que a vida iria piorar, porque quem está acostumado com beira de praia, passa uma semana sem ter dinheiro. Mas depois dessa uma semana, a pessoa começa a pescar e começa a ter dinheiro. Significa que se a pessoa trabalha 15 dias no mês, a pessoa consegue passar uns 15 dias de folga, que é o tempo da mudança da maré. Então, quem vai pra essas agrovilas não vai ter essa condição. Ou você tem um emprego que garanta a sua renda. Ou você vai fazer o que? Porque a lavoura ela dá, mas não é suficiente para o pai de família sustentar a família o ano todo. Não tem condição se sustentar uma família, digamos, com 4 pessoas na casa. Precisa estar em uma terra muito boa para ele se manter com 4 pessoas em uma casa hoje. Porque lá não, lá você tem a pescaria, você pesca, você come, você vende. E isso já ajuda muito na renda. Então temos muito medo que isso aconteça. Sem contar na violência que vai aumentar. Porque no momento em que você aglomerar essa quantidade de gente em um só lugar, aí as coisas vão se complicar mais ainda...o Impacto Social é geral.

**LUCIANE**  
O que poderia acontecer? Em que sentido violência?

**XXXX**

Vários tipos de violência. Começa desde a prostituição, drogas, todo tipo de violência…. Passa a ter muito jovens, ociosos, sem ter o que fazer. E você sabe, onde tem jovens desocupados, sem ter o fazer, vão fazer qualquer coisa errada, vão se juntar. Ainda mais hoje, com esse negócio de internet. Mesmo no interior, eles começam a se juntar para fazer uma coisinhas que eu não acho muito boas. Então isso é muito perigoso.

Então estamos nessa batalha da Base. E não vamos aceitar. E porque não vamos aceitar? Antes nós falávamos *“Nós não vamos sair porque o lugar é bom” (...),* mas hoje não (...). Claro que o lugar é bom, se não fosse bom, nós teríamos saído há muito tempo. Mas hoje nós não vamos sair porque a lei nos garante permanecer naquele lugar. Lá nascemos, nos criamos e hoje somos reconhecidos como Quilombolas. Porque na época não tínhamos essa clareza, por falta de um estudo mais adequado. Mas hoje, com o levantamento antropológico que foi feito, nós temos plena certeza que somos descendentes de quilombolas. Então, a lei nos garante permanecer no lugar que nós nascemos, nos criamos e que trabalhamos de maneira tradicional. Por isso que nós não vamos abrir mão.

Além da Constituição Federal, no artigo 68, tem a convenção 169 que é mais um instrumento que o governo assinou e que nos garante o direito de permanência nessas terras em que vivemos. Por isso nós vamos ter que dizer ao governo, em qualquer lugar do mundo, que nós não vamos abrir mão. Se o Governo quiser ganhar dinheiro com a base, ele vai fazer o quê? Vai botar aquela que está ali para funcionar. E aí sim, ele vai alugar para os países que estão interessados em lançar os seus satélites. Mas não é alugar os nossos territórios. Ele quer ceder os nossos territórios para americanos, para russos, para quem quer que seja, não importa a nacionalidade, e nós vamos para onde? Isso não existe. Nós não vamos aceitar de maneira nenhuma.

**LUCIANE**

E como foi esse fortalecimento político de vocês? De dizer que não queremos sair porque era bom até conhecer a legislação e crescer essa identidades como quilombolas? Como é que foi esse processo?

**XXXX**

O reconhecimento da identidade quilombola foi através do estudo de antropologia que o professor Freire (?) na região de Alcântara. Então, ficou claro que todo aquele povo de Alcântara, a maioria, era descendente de Quilombo.

**LUCIANE**

Vocês tinham reunião com ele?

**XXXX**

Foram feitas muitas oficinas e seminários. E através deles fomos tomando conhecimento e nos auto-identificamos como quilombolas.

De vez em quando, quando me apresento em alguns lugares, eles dizem “é mais um italiano disfarçado de quilombola”. Eu conheço uma professora argentina, professora Dina, quando me apresentei ela disse “mais um italiano disfarçado de quilombola”. Eu digo “*não, professora. Só porque você está me vendo mais claro? Se você olhar a minha mãe, vai ver que realmente que minha família é negra*”.

Meu pai era branco de olhos azuis, podia até ser descendente de italiano, eu não sei. Mas a minha mãe era negra, e toda a família, todo o pessoal dela, do pai dela, eram todos negros. A mãe dela não. A minha avó, por parte de minha mãe, era bem clara, também dos olhos azuis. Tudo mistura daqui mesmo. Ela era bem clara dos olhos azuis mas seu cabelo era crespo. Um dos irmãos da minha mãe, meu tio, tinha os olhos azuis, mas tinha o cabelo daqueles que você podia jogar água que não escorria. Então, claro que ele era uma mistura, era bem mestiço mesmo.

E aí a questão política, através do sindicato e o pessoal da Igreja Católica na época, os padres italianos (….) Esses padres nos deram muita força e aí passamos a ter conhecimento político mais forte, começamos a nos atualizar, participar das oficinas, e fomos tendo conhecimento. A partir da Constituição é que tomamos conhecimento de fato e de direito que somos quilombolas. Então nós não temos medo de dizer, porque o Governo fala que o que eles fazem tem que estar tudo dentro da lei. Então se a lei tem que prevalecer para eles, tem que prevalecer para nós... Nós também somos brasileiros. Então, se a Constituição está nos garantindo aquele direito, nós não vamos abrir mão. Até porque é uma questão de vida. [...]

Muita gente vem pra cá [São Luiz] e acha bonito. E está bem calmo aqui, né? Porque aqui é o centro histórico. [...]. e o centro histórico, está abandonado. Mas as periferias estão todas cheias. O Estado do Maranhão cresceu demais, nos últimos 20 anos, cresceu muito. Então é uma violência horrível. E não tem mais onde a gente morar.

Eu estou vindo de uma área de palafita. Eu morei em Alcântara, meus meninos vieram para cá estudar eu pagava aluguel em casa e chegou um momento que eu não aguentava mais pagar aluguel. Tava muito difícil. Então, eu consegui comprar uma casa de Palafita, na beira do mangue, e nós fomos para lá. Pelo menos aliviou de pagar aluguel. E muita gente fez isso. Mas o governo já tirou quase todos das Palafitas. E os que ainda não tiraram, querem mandar para uma região depois do aeroporto. Muito longe do aeroporto. Mas de onde eu venho até aqui dá para vir a pé. Mas de lá, mesmo que eles trabalhem, se não tiver dinheiro para a condução não vem. Daqui não. Daqui do centro da cidade para qualquer lugar próximo se vai a pé. Então não tem espaço. A cidade de Alcântara já está toda cheia. Não tem mais espaço dentro da cidade. Já está todo mundo na periferia da estrada fazendo casa….E até é engraçado. Querem tirar a gente do litoral porque está perto da base, a chamada área de segurança. E botando o pessoal tudo na beira da estrada encostada na base. Então não sei que segurança eles querem. Para nós, o motivo é segurança. Mas aqui, para o pessoal que está na beira da estrada não é preciso segurança? Uma contradição.

A vila militar é bem perto da base, na beira da praia. A sede é bem perto da base. Então só nós que não podemos ficar. Desculpa esfarrapada! O governo quer ganhar dinheiro... Eu falei no congresso: “*para quê o governo quer mais dinheiro?*”. Podem até mandar me prender depois, mais eu vou ter que dizer [...] Para arrumar dentro das malas cheias de dinheiro [...] O governo tem que colocar aquela base para funcionar, para dizer que tem umas das melhores bases militares do mundo. Mas vai trazer os Estados Unidos? Pergunto para vocês duas, você que está nos EUA e conhece muito mais do que eu, que sou leigo... Essa base tá há 37 anos e até agora ainda não deu certo. Depois que uma base americana se implantar, que estiver funcionando, quem vem na base de Alcântara, que não está funcionando, soltar satélite? Ai vai soltar na americana, que sabe que vai ter sucesso. E como Alcântara vai ganhar dinheiro? Porque alegam que vão ganhar de 1 até 5 milhões por lançamento. E se lançarem só uma vez por ano? Resolver soltar só uma ou duas vezes por ano. É porque eles vão ganhar esse dinheiro em um lançamento que o Brasil gasta um ano inteiro? Mas o Brasil gasta porque ele tem, porque eles estão gastando demais... eles estão botando dinheiro fora aí, pelas pelas janelas! E agora querem tirar a gente do nosso lugar, onde nascemos, onde trabalhamos, para botar no meio [áudio comprometido] onde as pessoas ficam preocupadas.

Quando as pessoas se mudaram em 1988, aquelas primeiras famílias não tiveram cuidado de respeitar as orientações do sindicato. Quando esse projeto chegou, o pessoal do Sindicato foi com a igreja nas comunidades para nos orientar. Mas, com a promessa de muito emprego, de retirar as pessoas de trabalhar na roça ou então de trabalhar na lavoura mecanizada, o pessoal se animou e aceitou a mudança. Só que, depois disso, nada foi cumprido. A gente sabe que ao vender uma casinha de alvenaria, dizendo que era uma casa modelo, para quem tem uma casinha de taipa, recebe uma casa de Alvenaria e acha boa. Mas, se você entrar em determinado povoado de Alcântara, hoje, você chega nas casas que são de alvenaria, tem aquela casa modelo que eles fizeram, mas você vê que aquilo não é uma casa, é um barraco. Ou então pode comparar com uma cocheira um chiqueiro, porque não tem nenhuma boniteza para você dizer que é uma casa. Mas naquele tempo, as pessoas se iludiram.

Tanto é que tem Agrovilas daquelas em que você passa hoje e as casas continuam do mesmo jeito, como há 35 anos, desde quando eles estão lá. Igual àqueles das comunidades que ficaram, que ainda não foram realocadas, [cujas casas] estão do mesmo jeito. Porque não tem condição de mexer em uma casa daquela. Quando você uma casa bonita assim é porque tem um ou dois aposentados. E todo aposentado tem condição de tirar um empréstimo de 3, 4, 5, 6, 8 e 10 mil reais e fazer uma casinha de alvenaria. Então só não faz uma casinha de alvenaria quem não quer fazer. Não é por causa da falta de recurso. É porque às vezes o caboclo se descuida e não dá preferência de ajeitar a casa. Até que diz, eu vou ter uma casa boa para quê se não tem valor comercial? Eu digo,não, não é pelo valor comercial. A sua casa ela tem um grande valor para se morar dentro dela bem arrumadinha. Não importa se você vai vender ou não algum dia. O importante é você ter ela arrumada para ir morar. Mas às vezes as pessoas não dão esse valor.

Mas aquele pessoal que se mudou primeiro...eles foram iludidos. E hoje não está sendo diferente. Nessa luta agora, estamos encontrando pessoas que estão dizendo que nós estamos atrapalhando a chegada das empresas que vão trazer o emprego para o pessoal. Só que já conhecemos essa história... Você sabe que hoje, para você trabalhar, você tem que ter qualificação. Você não vai trabalhar em uma construção dessas se você não tiver uma qualificação para pedreiro, carpinteiro, marceneiro... Toda as áreas, você tem que ter qualificação. Se você não tem, você não vai trabalhar. Se uma obra daquelas vai começar agora, e ela tem o prazo de um ano ou dois anos, a pessoa sabe que são 2 anos que vai trabalhar com carteira assinada por esse tempo. Isso se a pessoa passar os dois anos. Porque a maioria passa seis meses, 3 meses, 6 meses, 1 ano e eles mandam embora. Isso aconteceu com o pessoal que trabalhou para essa construção da Ucrânia....Do município, foi a minoria, muita gente veio foi de fora. Teve empresa de pesquisa, levantamento….tudo pessoal de fora. Nós temos pessoas lá do município, da comunidade, que se formaram na área do meio ambiente e foram pedir um emprego lá na empresa que estava trabalhando lá e ninguém quis. Trouxeram o pessoal de Brasília, trouxeram o pessoal do Rio Grande do Sul, mas não quiseram dar emprego para as pessoas que foram formadas lá em Alcântara, no IFMA, na área de Meio Ambiente. Preferiram trazer o pessoal de fora mas não pegaram as pessoas da comunidade.

Então, nós não vamos nos iludir com emprego temporário. É um emprego que você passa seis meses, um ano e dá baixa na carteira. Se você é trabalhador rural, você suja a carteira. E quando chegar a idade de aposentar, ele está com a carteira uma parte suja, assassinada...e isso complica mais ainda. Sem levar em conta que a mudança vai fazer uma grande diferença na nossa vida. Porque aqueles que se mudaram há 35 anos, eles já se acostumaram, eles já plantaram alguma coisa e já têm para colher. E quem vai se mudar agora?

O que eles deveriam ter feito era ter feito isso tudo só numa etapa. Todo mundo teria sentido, mas todo mundo também já teria acostumado. E não fazer assim, uma etapa por vez. Hoje, isso aí vai prejudicar a gente, que estamos na iminência de sair, e os que estão nas Agrovilas, porque eles só tem um pescado para comer quando as pessoas do litoral levam para vender. Ou então, vão comprar na sede. Porque se não for, eles não têm peixe para comer. Isso eles vão sentir demais. E eles ainda continuam indo pescar naquelas áreas próximas deles para poder comer. Tudo isso é uma questão que a gente sabe que o impacto é muito doloroso e por isso que a gente não vai abrir mão (...) Eu acho que já falei muito, eu disse que ia falar só um pouquinho...

**LUCIANE**

Calma (risos). Vai chegar a parte mais interessante agora. Você poderia contar a história do Quilombo onde o senhor mora?

**XXXX**

O quilombo onde eu moro, eu não conheço nada da história de lá. Lá não tem história.

**LUCIANE**

Não tem uma lenda de como cresceu? Quem foram os primeiros habitantes de lá?

**XXXX**

Os primeiros habitantes de lá (...) foram um velho chamado Manuel Moraes e os filhos dele. Eram os filhos dele e, na época, a minha avó, minhas tias - que eram tias da minha mãe, irmãs da minha avó - , e esse velho que moravam lá. Só o que eu sei contar de lá. De lá para frente, eu não sei nada da história de lá. Só sei contar desse velho, chamado velho Manoel Moraes. Ele casou com outra senhora que já era filha de lá. Aí depois ela morreu, ele herdou e já casou com outra. E foi aumentando a família....

**LUCIANE**

Esse Manoel Moraes era negro, de pele escura?

**XXXX**

Não, ele era bem branco. E não sei... a primeira esposa dele não cheguei conhecer. Agora, essa segunda, que era uma tia minha, era uma senhora bem escura. A primeira, não, acho que essa aí é a terceira.... Mas creio que a segunda também tinha a pele escura, porque ela era da família da minha mãe também. Mas essa terceira tinha pele negra também. E a história foi indo...ficamos lá trabalhando na roça e pescando, criando um porquinho, boi, vaca e a gente continua até hoje trabalhando lá. Fazendo festa de vez enquanto no ano. Essa é a história de lá.

**LUCIANE**

O senhor poderia contar um pouco sobre o MABE? O funcionamento, o que vocês têm feito durante os anos e quais são os projetos...

**XXXX**

O MABE foi fundado por uma necessidade do sindicato. Porque, na época, a gente trabalhava no sindicato e, por essa demanda desse projeto da base, pensamos junto com Professor Alfredo, que nos sugeriu essa ideia, que era bom criarmos um movimento para ajudar o sindicato nessa luta. Porque era muito trabalho só para o Sindicato na época. Então era bom criar o movimento. Então chegamos nesse acordo, nos reunimos e fundamos esse movimento chamado de MABE, que é o Movimento dos Atingidos pela Base Espacial de Alcântara. Aí, desde lá, viemos enfrentando essa batalha junto com o sindicato.

**LUCIANE**

Quem eram as pessoas que compunham o MABE nessa época?

**XXXX**

Na época era ... primeiro era Inaldo, Borges, Danilo, Durinete,XXXX….tem aquele que eu não me lembro o nome... Vicente da Peroba...era muita gente... o Samuel.... era um grupo bem grande, aí depois o tempo foi passando, passando, e o pessoal também deixou de participar das reuniões, até porque, a gente não tem recurso para chamar todo mundo e às vezes você convida e eles dizem “*não tenho dinheiro para ir”* e então não vem. E só vão aqueles que se dispõem a ir ou então eles não vão mesmo. Então fica difícil demais para o movimento funcionar. Quando o movimento não tem recurso, ele não têm renda própria, ele fica impossibilitado de agir. Nós vamos juntos porque nós sempre estivemos junto com o sindicato. A gente tem tido apoio do pessoal da cartografia social da Amazônia. Eles têm nos ajudado muito, têm nos dado muito apoio. E estamos enfrentando essa luta até agora.

**LUCIANE**

Quais os avanços que o Senhor vê na luta a partir da mobilização e da criação do MABE?

**XXXX**

O avanço foi bom, foi muito bom. Porque antes desse movimento, a gente não conhecia nada mesmo. A gente só sabia dizer que era bom porque nascemos ali e porque nós criamos ali. Mas, a partir do momento que a gente entrou nesse movimento junto com o pessoal da cartografia social, fomos aprendendo muito com as oficinas e fomos nos politizando cada vez mais. E hoje o avanço tem sido muito bom, tanto é que nós tivemos condição de barrar a construção da PS dentro da área de Mamuna. E esse foi um avanço muito grande dessa luta do Movimento dos Atingidos pela Base espacial de Alcântara com o Sindicato. Foi um movimento muito bom. Foi uma luta que a gente até não tinha certeza que ia dar certo. Porque já tinham três empresas dentro da área trabalhando. E isso foi uma luta que tivemos que fazer uma cerca na estrada, uma porteira e deixar três ou dois homens dia e noite lá na porteira, sentados, para não deixar quem estava lá sair, nem quem ia passar, entrar. Agora imagina, enfrentar uma luta: dois homens na porteira, só que com a mão limpa, esperando que chegasse um carro da base, cheio de soldado, com fuzil no ombro. Mas nós não estávamos lutando com armas, estávamos lutando com a nossa fé, a fé que nós temos no nosso criador. E com o nossos direitos. Então, por isso que nós vencemos. Porque se nós tivéssemos ido lutar com arma, nós tínhamos perdido logo no primeiro momento. Mas nós fomos lutar com os nossos direitos, foi dentro dos nossos direitos. E, com a fé que nós temos no nosso criador, nós vencemos. Nós achávamos que era impossível, porque já tinha três empresas trabalhando dentro da área. E depois dessa barricada, dessa porteira, as pessoas não puderam mais entrar, e os que estavam lá não saíram. Só ficou o pessoal que vigiava as máquinas. Então eles chamaram a gente em Brasília. Mandaram chamar eu e a Melitina, da Comunidade de Mamuna - que é a comunidade que fica mais próxima da base agora-, para conversar com eles, para dar uma opinião, dar uma posição do que eles poderiam fazer, já que eles estavam tendo prejuízo de 30 milhões de dólares. Eu não tenho certeza se era por mês ou por dia....

Mas eu não fui para Brasília, só foi a Melitina, porque quando chegou o convite... Quando eles mandam chamar a gente, chamam hoje e é para você viajar amanhã de madrugada. Daqui para lá hoje até que ainda tem (...) mas às vezes não tem como você sair para chegar lá no horário.

Então só foi a Melitina, que participou de uma audiência com o pessoal lá de Brasília. Lá em um gabinete fechado. E ela foi muito corajosa, foi sozinha no meio de muita gente, das autoridades. E ela tinha que dar uma posição para eles, porque ela era a única solução que eles estava vendo. Ela tinha que decidir o que eles iam fazer. Ela disse: *“Olha, se vocês acham que eu que vou ter que dar decisão é o seguinte: só tem uma solução: É vocês pegarem aquelas máquinas, tirarem de lá e levar lá para dentro do centro. Lá tem espaço e lá vocês podem fazer o trabalho vocês. Agora, se vocês continuarem e deixarem lá, vai ser pior. Porque nós vamos usar nossa força. Então retira as máquinas de vocês de lá e vão para dentro da área do centro. Essa é a solução. Vocês querem uma solução? Então essa é a solução.”*

Eles olharam um para o outro e pensaram “agora, então, não tem jeito”. Despacharam ela, e no outro dia em diante começaram a retirar as máquinas de lá. E partiram para dentro do centro. Só que fizeram um serviço que é um grande desperdício de dinheiro.

Para quem já foi lá visitar lá, ver um desperdício de dinheiro desse tanto no nosso país, dá dó. E hoje o governo está dizendo que não tem dinheiro. Como é que um governo, nas suas limitações, vai fazer dois projetos só aqui no Maranhão? Dois projetos… dois projetos ao mesmo tempo. Tem o projeto da base espacial, que está lá instalada e já é fato. Tem 37 anos de existência, então não podemos mais dizer que é uma criança, não é? Já se tornou adulta. E mais uma refinaria de petróleo, aqui em Bacabeira. Ao mesmo tempo. Nem um, nem o outro deu certo. Porque é mal planejado. Mal planejado. É uma politicagem para botar dinheiro fora. Porque, essa instalação de lá, se o Brasil tivesse levado a sério, talvez tivesse pelo menos pronta. Mas o Brasil não levou a sério. Não teve dinheiro suficiente para manter a parte dele...a Ucrânia, foi aquele período que ele entrou em crise, faliu. E aí ficaram jogando a culpa um para cima do outro. E parou o projeto.

Mas se você for lá naquela área lá, e tiver o prazer de visitar aquela área, para você dizer “*realmente, o nosso governante parece que não tem muita responsabilidade com as coisas sérias*”. Eu não sei se um dia não vão me mandar prender por causa dessas entrevistas... Não… A gente tem sempre que ter muito cuidado por causa disso. Porque esse pessoal...é só para isso que eles servem. É para oprimir os mais fracos. Mas eu não tenho medo, não. Eu digo “*vocês podem até mandar me prender, mas eu tenho que dizer*”. Porque não levam a coisa a sério…

Tem uma base daquela lá, que não está funcionando, não está dando certo até agora. E você vai fazer um outro projeto? Sem ter a certeza que você tem dinheiro para manter aquela obra até estar pronta? É um desperdício. Eu tive o prazer de visitar aquela área enquanto estava a todo vapor, você vê...aquilo é uma tristeza, um desperdício de dinheiro e de material...

Então, para quê o governo quer [expandir].. se ele quer, então ele que leve lá para dentro da área do centro. Lá ele pode chamar os Estados Unidos, pode chamar quem ele quiser. Pronto. Agora, dentro da nossa área, nós não vamos aceitar, não.

Para nós, foi um avanço muito grande para essa luta. Conhecer esse conhecimento que a gente teve pelas oficinas. Foi muito bom, esse trabalho que temos com a cartografia foi muito importante para nossa luta

Pois é... E a gente sabe de Alcântara… Que Alcântara é assim … Quando os fazendeiros deixaram Alcântara, as terras ficaram exatamente para os descendente de escravo. Aí, eles deram uma parte da terra para Santa Teresa, que é essa de Tamatatiba, tem uma parte que eles deram para o Santo, que é São João de Curso, lá perto da minha região. Aí, tem a Terra dos Pretos, Terra da Pobreza, que fica perto da minha região também….E é assim que foi.

E toda aquela região ali, por tudo quanto era canto que você chegava, tinha um Engenho Velho. Então, todo aquele povo ali era escravo. Quem não era escravo ali eram os índios. Porque quando eles chegaram ali, já encontraram os índios ali. Só que os índios foram se mandando de lá, a maioria. Mas ainda tem muita gente ali que é descendente de índio também...Aí ficaram os pretos, que foram trabalhar nas grandes fazendas de lá, de algodão, de babaçu, de arroz…

Aí, depois que tudo isso aí foi à falência, aí eles foram embora. Levaram tudo. Levaram o ouro que tinha lá. Você sabe, você já estudou muito, você sabe quantas arrobas de ouro eles levaram de Alcântara? Então não vou dizer também não….(risos). Vai pesquisar que a senhora sabe!

Mas eles levaram 15 arrobas e meia de ouro de Alcântara. Muita coisa. Toda essa madeira de lei, que tinha naqueles Casarão, eles levaram tudo. Só deixaram esses paredão de pedra preta, que não têm valor comercial. Não tinha, porque… lá, existe mais dentro da sede, mas lá na zona rural eles desmancharam tudinho para vender para construção civil. Os paredão velho de lá, já foi destruído tudinho. Só não foi os de dentro da sede, porque não pode por causa do patrimônio. Se não, já tinha sido derrubado tudinho. Quer dizer, para eles levarem não tinha valor comercial, mas para a construção civil tem. Então, foi o que eles deixaram, só os paredões. E a terra também, que não podiam levar, porque se pudessem teriam levado a terra. Mas o Ouro e a madeira boa, eles levaram tudo. E o ouro, o tesouro, tenho certeza que não está aqui no Maranhão, nem no Rio e nem São Paulo. Aí pela hora está para lá, não sei para onde aí, mas está para lá... aqui não está.

**LUCIANE**

Senhor estava falando do movimento… Contou a história forte da senhora que foi negociar… Negociar, não, dizer o que tinha que ser feito. Como o senhor vê a atuação das mulheres, a força das mulheres e a importância delas no movimento, no MABE e no Quilombo?

**XXXX**

Olha, as mulheres têm uma importância muito boa. Lá em Alcântara, tem um movimento de mulheres chamado Montra. E elas sempre foram “lutadeiras”. Também faz tempo que elas vêm engajadas nessa luta. Não avança mais porque não tem recurso. Você sabe que, hoje, toda a luta para você… para você vir para cá você tem que ter recurso, não tem? Se não você não vinha para cá fazer essa pesquisa. A mesma coisa é a gente. A gente pra sair daqui e ir para Brasília defender nossos direitos… Se não tiver recurso nós não vamos. Até aqui na sede, se não tiver recurso nós não vamos. A mesma coisa as mulheres também, não avançam mais porque não têm recurso para estar caminhando. Mas elas têm enfrentado a luta com muita resistência esse tempo todinho. Eu não me lembro o ano que elas fundaram esse movimento. Tem mais outro agora, também, chamado “Mulheres Guerreiras”. E aí são vários movimentos, têm Associações de Mulheres, e que tem enfrentado essa luta junto com a gente… E tem sido muito importante para a luta da gente.

**LUCIANE**

E dentro do MABE sempre foi meio a meio? Como é a distribuição entre homens e mulheres?

**XXXX**

Não, no MABE sempre foi mais homens do que mulheres. No início tinham mais mulheres. Mas aí, eles começaram com esse negócio de não ir nas reuniões… Então, hoje, nós somos pouquinhos....Mas agora tem eu, a Dorinete, o Danilo e o Naldo, não, Naldo não… o Inácio. E o rapaz que mora aqui agora…. mas eles estão todos trabalhando também, têm os seus empregos. E só quem não tem emprego, que pode estar vindo para cá, pra lá, sou eu. Porque ninguém dá emprego para mim porque eu já estou bem mais velho, aí não querem mais me dar um emprego…. Aí, eu fico andando como um pato tonto, de um lado e para o outro. Mas, nós estamos em poucos. Mas a gente continua por aí, enfrentando por aí… Saindo por aí para falar a respeito da nossa luta. E gritar para o mundo inteiro que nós não vamos abrir mão da nossa tula. E orientar os nossos companheiros, para também não abrir mão dos seus direitos. Porque essa nossa luta, por onde a gente passa, não é diferente (...). Já visitamos várias comunidades, aqui, no estado do Maranhão. E às vezes existe uma diferença. Nós lá em Alcântara é com o governo, e nos outros municípios maranhenses, são fazendeiros querendo tirar os Quilombolas da Terra para criar gado, ou então plantar soja, eucalipto.... Esses tipos de projetos. Em outros estados e também são idênticos, de outros países que quer dizer….Aqui no Brasil, já visitamos uma comunidade da Bahia, que é uma outra coisa horrível. Lá, por sinal, e eles expulsaram as famílias quase todas. Só sobrou bem pouquinha gente lá, nessa comunidade. E...já tivemos também acompanhado outras comunidades. Já visitamos a Colômbia, também. A comunidade quilombola do palenque já visitamos. E tivemos na Indonésia, também. E é só comunidade sofrida, comunidade que a luta não é diferente da nossa. Só tem umas diferença às vezes, mas é a mesma coisa que a gente… A gente mesmo que diz... Não sou eu quem estou dizendo, são as pessoas que conhecem, que dentro de quase todos esses movimentos, o nosso, eles dizem que é mais organizado. A nossa, a região de Alcântara, é mais organizada. Porque? Aí, eu não sei porque. Eles é quem sabem, não é? Mas não posso me exaltar. Mas a gente sempre ouve dizer que a nossa é a mais organizada. Porque... não, porque... com esse grupo da cartografia, a gente aprendeu muito... a gente aprendeu muito. E nós já trabalhamos com muita gente, muito advogado. Ao longo desse tempo, nós trabalhamos com muitos grupos de advogados. Sociedade Maranhense de Direito, aqui no Maranhão; Justiça Global... outra, que eu não tô lembrado o nome… CCN também trabalhamos juntos. Então, a gente já trabalhou com muitos advogados...de São Paulo, Rio Grande do Sul, do Rio de Janeiro, da Bahia... Então, a gente já aprendeu um pouquinho. Deve ser que também que a gente não seja cabeça oca. (áudio comprometido). Ah… Deixa eles falarem. Eu vou tomar esse café então…

Nessa luta, só que chegam umas pessoas e pedem para gravar e eu falo não, não vou gravar mais, não. Teve um pessoal da Justiça Global em maio lá no Brito, lá em casa e eu disse que não podia gravar nem filmar, porque eu não quero. A menina ficou toda sem jeito. Eu disse “*depois vocês vão embora e ainda vão mandar me prender.”* Quem diga alguma coisa aí, eles vão achar ruim, “*ah, tão falando um monte de besteira aí. Vamos colocar atrás das grades para ele ficar caladinho lá*”.

**Luciane**

Como o senhor vê a participação da juventude?

**Sr. XXXX**

Aqui em Alcântara é um pouco fraca a participação da juventude. Por falta de incentivo das entidades, também. Até porque assim, né, no MABE não temos como chamar muita gente para uma oficina, para um seminário. Temos uma limitação das pessoas que vão participar…

**Luciane**

Esse foi cancelado também, não é? Não conseguiu recurso...

**Sr. XXXX**

Esse ainda não foi cancelado, foi adiado porque não tem recurso suficiente para a gente fazer do jeito que estamos querendo. Então foi adiado para novembro. Mas não foi cancelado, e nem vai ser. Vamos fazer todo o esforço para manter. Na época, eles estavam querendo fazer esse seminário nos moldes de 1999. Só que em 1999, quem apoiava a gente era a Igreja Católica. Os padres da época lá de Alcântara eram muito atuantes nessa luta e procuravam recursos para fazer esse seminário. E, hoje, está muito mais “dispendioso” que naquela época. Então, a parceria para ajudar o Sindicato está sendo menor. Então, a gente está encontrando mais dificuldade, mas a gente vai... vai botar... a gente vai botar ele para funcionar. Se Deus quiser. Se você quiser, já está convidada para vir participar. Novembro é... a gente só não vai mandar a passagem. Os visitantes que vêm de fora estão sendo convidados, Mas se quiser ajudar, não tem problema, a gente aceita de bom gosto. Mas a gente não vai mandar passagem. Mas se quiser, está sendo convidada para vir participar. Pode mandar dizer com antecedência, que a gente está de braços abertos para receber. Viu? Mas também, se puder ajudar... não esqueça, aqui aceita de bom gosto.

**RENATA**

O senhor comentou sobre o trabalho com a Justiça Global e outras organizações também… Eu soube que vocês fizeram uma denúncia na Corte Interamericana. Como está esse caso? Vocês tiveram alguma resposta?

**XXXX**  
Não sei como está. Eles estiveram aqui em Alcântara em maio, mas nao sei como está o resultado. Nós tivemos uma reunião lá nos Estados Unidos, com a Comissão Interamericana de Direitos Humanos. Essa foi boa. A gente foi acompanhado da advogada Luciana, na época que estava na justiça Global. Agora ela está em outra entidade, parece….Luciana Garcia. Ela é da Bahia. Tinha também uma daqui do Maranhão que trabalhava na época junto com ela. Só que essa do Maranhão não sei se ainda permanece. Ela já saiu, está em outra identidade agora. Ela era uma boa advogada. Ela foi com a gente, acompanhou... Em 1988 (...), final de outubro, dia 28, dia 29, dia 30 de outubro nós estávamos na audiência lá, na comissão. Tivemos audiência dia 30, quando foi dia 5 de outubro, o governo publicou no Diário Oficial O RTD de Alcântara, que estava há mais de 5 anos pronto. E para você ver, sobre a pergunta que você fez do avanço... o RTD estava pronto há mais de 5 anos (...) O Relatório de Identificação Territorial das Comunidades Quilombola de Alcântara. E está há mais de 5 anos pronto, e o governo nem tratava de publicar no diário oficial (...) Foi [reflexo dessa reunião]... Com cinco dias que nós estivemos lá, ele publicou logo. E foi publicar no dia 5, quando foi no dia 8 ou 9 deste mês, já tivemos uma audiência aqui no Ministério Público Federal, que o governo se comprometeu com a gente, de não expandir essa base. Porque estava tramitando uma Ação Civil pública e paralisou as obras. Como ele viu que não tinha como ele avançar as obras lá da ACS,[[1]](#footnote-1) porque na militar está parado mesmo lá... Não está mexendo com ela, está mexendo com esse projeto que eles querem expandir. A militar eles não estão mais mexendo, porque eles estão lá já implantados e não temos como tirar eles de lá. Então, essa ação civil pública foi paralisada. A partir desse dia que a gente assinou esse acordo, que o governo não ia mais expandir a base, qualquer coisa que ele viessem fazer, fariam na área deles lá mesmo. Porque a área não é deles, a área é nossa. A área está dentro do território Quilombola de Alcântara. Porque todo território aqui é quilombola. Essa área, desse decreto de 62 mil hectares, que é a área que o governo quer para fazer a expansão da base… Mas o resto todo do município é quilombola. Então, são três lotes, se não me engano, três etapas: a nossa, a região de Tamatatiba e tem mais outro lado da região de assentamento do Pituba de tudo.

Então, continuamos nessa luta e não deixamos que eles avançassem.

**LUCIANE**

Como foi a audiência agora no mês passado, em Brasília?

**XXXX**

Foi boa. Eu acredito que, se eles não desistirem da luta, está todo mundo empenhado em não deixar que o governo avance nesse projeto (...) Além da nossa audiência - porque no Ministério Público Federal, o assunto que dominou a audiência foi a parte de Alcântara, porque... a doutora Débora pediu que desse preferência para falar sobre Alcântara. E, com isso, a gente terminou levando a tarde toda só falando desse assunto. Tinham outras demandas também tramitando lá. É tanta demanda… Porque o Brasil é cheio de confusão. Governo querendo tirar direito das Comunidades Tradicionais.... O Brasil é o centro da confusão. Mas, tudo o que é reclamação de Direitos de Comunidades que estão sendo desrespeitados pelo Governo, está lá. Então participamos e deu para perceber que eles estão empenhados em nos ajudar muito. E ficou marcado uma próxima audiência deles, agora para o dia 23 desse mês. Eu não sei se vai dar para nós participarmos, porque não sei se vai ter recurso para a gente voltar lá agora de novo. Porque lá não é fácil de ir para lá. Depende de mais recurso para pagar passagem avião. Mas a gente viu que lá na Câmara dos Deputados, a audiência pública também foi boa. E os deputados estão empenhados em também não aceitar essa negociação do governo.

Porque assim, olha, é um projeto ”ah.. o governo vai ganhar dinheiro”... Tudo bem, a gente quer ganhar dinheiro, mas e a nossa soberania? A questão não é só ganhar o dinheiro. A questão é de soberania. Não é? A questão é de soberania. E você sabe que um país como o nosso, que a gente não sabe qual é o potencial de segurança que a gente tem, de controle...a gente não conhece a nossa força militar, do nosso país, mas a gente sabe que o Estados Unidos é uma grande potência. Se não é uma das maiores do mundo, do planeta, mas é uma grande potência. E tem muito inimigo também nesse planeta. Tem um inimigo que está desafiando o mundo inteiro, que é a Coreia do Norte. E o presidente dos Estados Unidos… Olha, eu acho que essa parte não era bom vocês gravarem… e o presidente dos Estados Unidos, logo no início da campanha, diziam que ele era meio perigoso. Mas eu estou achando que ele está sendo muito... pacificador.

**LUCIANE**

O Trump?

**XXXX:**

É, porque o desafio que a Coreia do Norte tem feito para eles, se ele fosse aquele George Bush passado... eu digo, eu duvido que ele já não tivesse... mas ele tem medo...

**LUCIANE**

George Bush era muito mais quieto, mas, ele agia muito mais.

**XXXX:**

Mais rápido! Eu acho que estão desafiando, a Coréia do Norte. Porque, assim, isso é que eu considero que é que é soberania. Por isso que eu estou dizendo. Nós não aceitamos que a base seja entregue para um país desse, porque ele vai impor a soberania dele. Então, a Coreia do Norte está demonstrando que ela tem soberania sobre o país dela. Não é o Estados Unidos, não é o Brasil, não é ninguém que vai chegar hoje lá e dizer *“não, você tem que fazer assim”*. Então vamos negociar, para podermos fazer as coisas sem usar as armas pesadas. Então por isso que eu estou dizendo que eu estou achando que ele está sendo muito pacífico. Mas é porque ele tem medo de mexer com a história, que talvez não é ele quem vai morrer na guerra. Mas ele pode, depois que terminar a guerra, ser preso para o resto da vida. Não é?

Então, ele sabe o que está acontecendo com as pessoas que entram nessa briga sem necessidade, sem procurar manter um diálogo de diplomata. E aí... Então, Eu acredito que não vai acontecer nada por causa disso. Ele não é aquilo que o pessoal comentava muito dele aí, na mídia. Então, é isso que eu digo que é soberania. E questão de soberania é o governo manter sua soberania mas respeitando os direitos da sua população. Como é que o governo quer entregar a nossa soberania para outro país? Não está respeitando a nossa soberania. E a soberania não é só do governo, ela é de todos nós do Brasil. A segurança é de todos nós. E ele ainda pode ir embora lá para a terra da família dele, pro Líbano. Ele [Temer] é descendente de libanês. Os outros que estão aí, que podem também, se ele não fizer esse projeto, esse acordo, também podem pegar o seu dinheiro e ir embora para outro país e deixar a gente aqui na mira do foguete.

Então, o jeito... tem que botar aquela base para funcionar. Se é que ela está em uma das melhores áreas, estratégica. Então, o governo tem que procurar botar para funcionar, para ganhar dinheiro. Porque uma base dessa depois… *“Ah, O Brasil está botando satélite no espaço da base de Alcântara”*... O país desse que não tem onde lançar foguete, satélite, ele vem aqui, alugava. O Brasil vai ganhar dinheiro. Mas, coloca um americano aqui, com uma brasileira que não está funcionando. Quem vem aqui colocar satélite na base de Alcântara? Vai botar na base dos americanas, dos russos, não é? E nós vamos ficar só olhando foguete subir. Mas tem uma vantagem: o Brasil não vai daqui até à China pagar para lançar satélite de lá, vai lançar daqui mesmo da base dos americanos.

Não vai na base de Currú (?), na Guiana Francesa. Vai lançar daqui mesmo da base americana. *“Ah, estou ganhando dinheiro do aluguel”.* Mas vou pagar aluguel para lançar os meus satélites. Então é isso.

**LUCIANE:**

Com relação à ameaça aos direitos que o senhor estava falando. Se a gente olhar para a Legislação dos direitos quilombolas: o senhor acha que se o Estado brasileiro fizesse o que diz lá, estaríamos em uma situação boa ou o senhor acha que os direitos ainda tem que avançar mais em relação a isso?

**XXXX:**

Os direitos quilombolas… Deixa eu ver se eu entendi. Como assim?

**LUCIANE**

Porque o senhor, no início dessa conversa, o senhor disse que “*nós saímos de uma posição de achar que estamos nessa terra só porque aqui está bom”* para uma posição de falar “*nós temos o direito de permanecer aqui”.*

**XXXX:**

Exatamente, porque, olha: já que está na Constituição Federal o nosso direito de permanencer naquelas terras, o que o governo tem que procurar fazer para melhoria das Comunidades, é manter as políticas públicas. E que muita vezes o que os governos estão achando que é política pública é dar uma Bolsa Família, de R$75 para um pai de família, para uma pessoa só. Está vendo? Isso para eles é política pública. Agora mesmo ele assinou o projeto que está há uns três ou quatro dias aí, para calar a boca dos deputados, dizendo que vai assinar um acordo, não sei se é de três milhões ou bilhões, para dar crédito para família de trabalhadores. Na Agricultura Familiar, se eu não estou enganado. Com esse microcrédito, digamos que eu como trabalhador rural vou lá e pego aí 5 mil, 10 mil, eu não sei quanto, porque eu acho que eles não vão dar muita coisa, não é? Para mim trabalhar e, de acordo com que eu começar a trabalhar, eu perder o direito de receber o meu Bolsa Família. Quer dizer, a partir do momento que eu peguei aquele crédito, eu vou trabalhar e não vou mais necessitar do Bolsa Família e eles cortam.

Só que são políticas públicas, nesse sentido, que não ajudam a população de modo geral. Porque, digamos assim, lá na nossa comunidade, nós vivemos da roça e da pesca. A nossa pesca é artesanal, mas nós pescamos de acordo com as nossas condições. Não temos tanta despesa, mas o pouco que dá é suficiente. Mas se nós sairmos dali, para outro lugar, e pegarmos um crédito, digamos, de 10 mil, para trabalhar na lavoura… A hora que essas... digamos, 200 famílias chegarem no local desse, vai trabalhar tudo com lavoura mecanizada. Se você for plantar tomate, diversos tipos de hortaliça, o município não vai ter como absorver. Não vai ter mercado para toda essa produção. E nós moramos em uma ilha.... Vamos depender de barco para atravessar para cá. E como é que vamos escoar a produção? Aí vai ter produção mas não vai ter que compre. E se tiver quem compra é por um preço que não compensa.

Então, o que o governo tem que fazer para melhorar a condição de vida das comunidades, é dar os direitos que são as políticas públicas: melhoria de estrada; melhoria de escola; melhoria da saúde, que é muito deficitária; e aquilo que for mais necessário para manter as famílias nas suas terras, trabalhando. Esse que eu sei que é o governo também... querer fazer a sua soberania prevalecer. Porque não é só tirar o trabalhador da terra e botar no meio lá onde ele quiser, e dizer que ele é soberano por isso. Não. Nossa soberania vai também por esse ponto. O direito à vida, o direito à terra para trabalhar, porque sem terra...todos esses aparelhos que vocês estão usando aqui, não tiraram nadinha de lá do espaço. Tiraram? Para produzir esse aparelho aqui? Tudo vem da terra. Tudo vem da terra!

Antes de ontem eu estava assistindo um jornal, o pessoal estava falando com um cientista aí, parece que é brasileiro, vão mandar uns produtos para o cientista levar lá para NASA: ovo de aranha. Meu Deus do céu. Será que não tinha outra coisa para o cientista procurar estudar? Vai criar Aranha para quê lá no espaço? Eu disse para minha neta, que mora lá em casa, eu disse *“olha, tu faz o seguinte, tu quer fazer um teste? Pega, assim, umas 10 caroços de feijão, molha, bota dentro do saquinho desse de plástico aí, amarra a boca dele para tu ver se ele não nasce. Se ele nascer , tu vai ver, que tu leva ele lá para o espaço e ele nasce também lá.” o* Sergio Pontes fez isso, levou caroço de e algodão para fazer o teste lá no espaço. Agora, quero ver ele plantar lá no espaço. Pesquisar ovo de aranha? Eu não sei para que eles querem descobrir…tem tanta coisa para se preocupar e pesquisar para melhoria da saúde das pessoas, para curar determinadas doenças, não é? E até para proteger muitas catástrofes que estão acontecendo. Porque o próprio Governo, e por isso que eu digo, que às vezes eu termino falando muito, e pode...me custar caro. Mas, o Governo tem que procurar fazer coisas que venham melhorar a condição de vida da população.

Eu assisto muito jornal e eu olho cada pesquisa - e vocês vão até me desculpar, vocês são pesquisadoras, não é? Aliás, estão pesquisando ainda para fazer o trabalho de formação, não é? -, mas tem tanta pesquisa que eles fazem, que eu acho, assim, desnecessário. Eu já assisti reportagem de pessoas aí, fazendo pesquisa de material que, acho, procura no fundo do mar, 150m de profundidade. Lá na beira da nossa praia, tudo junto dá para encher carrada. E, rapaz, porque não me dão a metade desse dinheiro, dessa pesquisa, que nós enchemos os caminhões desse produto aqui, oh, que a gente tem aqui na beira da praia. Então… são coisas que... é bom para quem está pesquisando, mas que é com mais sacrifício do que, às vezes, se torna fácil de encontrar. Então... para nós lá é assim, a luta é essa. O Governo melhorar a nossa situação é assim… Não é trazer todo mundo para periferia de Alcântara, gente, isso é um absurdo!

**LUCIANE:**

E como o senhor vê a entrada de jovens quilombolas na Universidade? Como o Senhor vê as pesquisas que estão sendo feitas por esses jovens? O senhor tem conhecimento do que estão estudando?

**XXXX:**

Já tem muitos jovens quilombolas que estão nas Universidades, já. Por exemplo, nós, desse movimento da Base Militar de Alcântara - o MABE-, a gente conseguiu mandar alguns companheiros para se formarem em Agronomia. Nós temos o Inácio, temos o Herbert, temos um outro que não me lembro o nome (...) formado na área de magistério. Nós temos um formado na área de direito. Ainda não está advogando mesmo, porque está com preguiça de fazer, ou está com medo de fazer a prova da OAB, ainda não fez. E não temos um médico porque não tivemos uma pessoa, na época, para ir para Cuba estudar medicina. Nós tínhamos uma vaga para levar para Cuba, mas não tivemos a pessoa com a coragem. Até porque não me chamaram, o companheiro que sabia dessa história não mandou me chamar. *Rapaz, porque não mandou me chamar*?

**LUCIANE:**

E o senhor iria?

**XXXX:**

Se eu ia? Aí que eu digo, porque a base não tem mais de 20 técnicos que morreram já formados ao longo desses 35 anos? Porque não se preocuparam em botar ninguém… *“ah, nós temos aqui 20 pessoas formadas”*. Não se preocuparam...

**LUCIANE:**

E essas pessoas continuam participando da vida no Quilombo?

**XXXX:**

Não… tem uns que estão empregados. É assim, a pessoa se forma, mas a gente, no movimento, não tem como manter eles lá, para estar na atividade. Então tem que trabalhar. Está jovem, tem que trabalhar. Aí, depois, vão ficando mais idosos e querem procurar uma esposa, e a maioria deles já casaram mesmo, e aí, tem que trabalhar. Não, e quem está sobrando lá sou só eu mesmo que já não estou mais idoso. E a Dorinete, que é a funcionária do município também, mas não tem muita disponibilidade para estar saindo toda hora. O Danilo, esse está aqui também, está trabalhando, não pode ficar lá toda hora, é bem difícil eles darem uma folga para ele. Ele está no governo agora.

Então é complicado. Porque, assim, você termina se tornando um grupo de só formar as pessoas e exportar. Por exemplo, lá na nossa área, o IFMA foi para Alcântara por nossa reivindicação. Foi por nossa reivindicação do MABE que o IFMA foi para Alcântara. Então, já tem menina formada, pessoas formadas na área de... meio Ambiente. E, menina formada lá no IFMA foi lá pedir serviço lá na nessas empresas que estão trabalhando para ACS. Não deram. Trouxeram o pessoal do Rio Grande do Sul, de Brasília, mas não deu para essa menina de Alcântara trabalhar.

**LUCIANE:**

Porque?

**XXXX:**

Aí eu não sei. Santo da terra não faz milagre. Não tem um dizer, um ditado popular, que santo da casa não faz milagre? Então…

**LUCIANE:**

O senhor acha que tem alguma coisa a ver com racismo?

**XXXX:**

Não, eu acho que não, aquilo ali não era racismo. Era, simplesmente, por uma questão de que eu trago uma empresa de fora, quem vem de lá… a empresa já vem com suas pessoas para trabalhar. Aí, agarram alguma pessoa aqui, mas é um ou outro, com serviços diversos que não são aqueles da sua formação. Eu vejo assim. Porque eu acho assim, que o racismo, essas questões de preconceito, eu acho que tem, mas não é assim tão liberta assim...Eu acho que não, mas é uma questão de não querer dar oportunidade para as pessoas do local.

**LUCIANE:**

Quando que fica evidente o racismo com relação a população quilombola? Se tem...

**XXXX:**

Deixa eu ver… eu não sei não. Lá dentro da nossa área, eu acho que eu ainda não percebi não. Até porque, a maioria é negro. Aquela questão que eu estava assistindo hoje: um cidadão dizendo que (…) ele diz assim “*como é que dois pretinhos vão brigar entre si? Não, mano, vamos fazer maneirar a coisa porque nós somo só de uma cor*”. Então, lá, não tem muito essa história por isso. Que na região de Alcântara a maioria é negro mesmo. A questão de quem vem de fora, dos que vêm de fora, também...muitos tem até pouco contato com a gente. Porque o pessoal lá de fora mesmo, é o pessoal que está na base, a maioria. E esses quase não tem contato com a gente. Eles chegam de manhã, naquela lancha, de tarde vão embora. Tem alguns que passam e nem falam com ninguém, vão embora. Mas o de dentro da sede mesmo, assim, da comunidade, não tem esse negócio não. É tranquilo até agora não.

**LUCIANE:**

E quando o senhor vai para a reunião com o Estado, com as organizações, o senhor acha que o pessoal te olha meio torto? Por ter pele clara e olho azul?

**XXXX:**

Não, eu nunca vi...A brincadeira que eu vi foi só da Professora Dina, mas só dela mesmo. Mas é questão de brincadeira. Não sei se é… não sei se é porque eles gostam muito de mim, que onde eu chego, todo mundo me abraça. E, por sinal, você não tinha me olhado, como você já estava dizendo que era eu, o XXXX?

**LUCIANE:**

Porque eu já sabia… Eu nunca tinha visto foto. Mas, conversando com o Davi, ele sempre contava do Senhor, e eu imaginava…eu, com meu racismo, eu imaginava o senhor tipo o Davi, negrão...

**XXXX:**

A senhora está parecendo uma história que tem lá do meu lugar…

**LUCIANE:**

E aí o Tacilvan que comentou, num papo assim, ah…

[áudio interrompido]

**PARTE 2**

**XXXX**

Eu costumo dizer assim.. Essa bahia também faz parte dessa região aqui, desse pólo.

**RENATA**

E a terra dos pretos?

**XXXX**

A terra dos pretos... eu posso fazer parte, porque a minha mãe também era de lá, eu sou dessa descendência. Só que eu sou da outra região do litoral. Essa fica para o sul do município.

**RENATA**

A terra dos pretos fica para o sul?

**XXXX**

É.

**RENATA**

Mas ela foi dada para os quilombos ou não?

**XXXX**

Para os pretos dos quilombos que estavam lá. Todo aquele povo era só descendente de negro. Tem alguns mais claros, tem muita gente que não se denomina quilombola. Mas são pessoas de outros municípios que vieram para Alcântara. Que são bem claros, também, dos olhos azuis. Mas são pessoas que vieram depois, para Alcântara, para morar naquele lugar. Não são de lá, natural... Natural de Alcântara, mesmo, a maioria você só vê… Lá na sede de Alcântara...

Hoje mesmo eu estava conversando com a minha nora, que é de Alcântara, aporrinhando ela, porque ela é assim bem neguinha, ela é bem moreninha mesmo. Aí eu aporrinhei ela, que a filha dela ficou mais clara, porque puxou o vovô. Ai, eu estava dizendo… mas a população de Alcântara toda é negra. Mas na sede mesmo, quando tu vê uma parte daquelas pessoas mais claras, são pessoas novatas, pessoas que já vieram, já nasceram depois que a base chegou. Que são filhos, tem uma denominação lá, que eu nem vou falar aqui mais…

**LUCIANE**

Fiquei curiosa…

**XXXX**

Não

**RENATA**

O senhor acha que faz sentido essas classificações, ainda hoje, ou não? Terra de Preto, Terra de Pobre… Isso ainda faz sentido?

**XXXX**

Faz sentido! Porque, se não fizer sentido, a gente perde a identidade. Os nossos direitos vão, tudo, sendo desperdiçados. Faz sentido. Porque, do jeito que elas foram deixadas para gente, a gente tem que manter essa tradição até o fim. Não se pode mudar, porque se mudar aí a coisa complica.

**LUCIANE**

É a garantia..

**XXXX**

Essa é a nossa garantia. É a nossa soberania essa qualificação ai. Está dentro da nossa soberania. Nosso direito de... identidade.

**LUCIANE**

O senhor tem alguma religião?

**XXXX**

Rapaz, eu… hoje, eu me sinto evangélico, da Assembléia de Deus. Quando eu nasci, minha mãe dizia que a gente era Católico. Aí depois, de uns tempos para cá, eu resolvi, passei para a Assembléia de Deus.

**LUCIANE**

Lá, em Tamatatiua, tem uma preocupação com relação aos evangélicos. Porque… As mulheres, não é, contam lá que o quilombo tem perdido um pouco, enfraquecido na sua ação política e identidade por conta dos evangélicos. Como o senhor vê essa questão?

**XXXX**

Essa questão [tem] lá em Tamatatiua, tem em vários lugares do município de Alcântara, porque assim… em cada comunidade dessas eles festejam um santo. Tem comunidade que é São Benedito, tem comunidade que é São João, é de Santa Tereza, é São José, é Santa Maria...Nossa Senhora da Conceição... Então, são vários tipos de Santo. Então, no momento que uma comunidade, como Tamatatiba, em que se sabe, que é a maior parte também é negra, quilombola, e tem uma tradição daquela festa ali… aí se a maioria do povo começar a ser evangélico, aí vai quebrar muito a tradição daquela festa. Aí eles vão perder parte da identidade. Pelo menos cultural. Vão perder parte da identidade cultural deles, daquela tradição de ter a festa deles de Santa Tereza, São Benedito… Tambor de Crioula… E aí eles vão perder muito. Que é uma das coisas que a Cartografia Social da Amazônia trabalha muito bem com a gente: cada qual, no seu cada qual. Quem é da área de umbanda, de pai de santo… Não tem esse negócio de estar… intrigando com ninguém não. Cada qual, que tem a sua religião...Não tem nada a ver. Trabalhamos com todos os povos e pronto. Tem sido muito bom. Porque aí não está discriminando a cultura de ninguém. Cada qual com sua cultura, cada qual com sua tradição. E na hora de nós... do trabalho, que está todo mundo tomando um chá do índio, chá do pai de santo… sem compromisso. O chá é uma coisa simbólica.

**LUCIANE**

Mas quem não participa, realmente, tem essa questão da… de discriminar, não? De achar que é macumba, coisa que não presta...

**XXXX**

Não, acho que tem gente que tem. Mas pra mim não tem, porque, assim, nós participamos do Fórum Social Mundial lá em Belém, e aí tem uma mãe de santo de lá… que às vezes eles me chamavam aí para… “*ah a professora orientou que eu tinha que fazer um chá”.* E eu nunca fiz chá. Eu digo, “*professora, eu sei fazer um chá lá na minha comunidade, mas não é para essa multidão de gente que eu vou fazer chá, que eu sei lá...”* Não, aí, eu dei um jeito de não aceitar e… não fui.

Aí cheguei, eu estava para um lado, quando eu cheguei, lá eles estava distribuindo chá. Botaram um índio lá para fazer chá. Distribuíram o chá, eu não queria, não queria... *“não, o senhor pode tomar...”* (...) Rapaz, eu tomei aquilo. Eu tomei sim. Olha, parece que eu acabei de tomar e fiquei gripado. Porque o chá tinha um gosto muito perigoso, muito estranho. E aí, parece que eu acabei de tomar e eu fiquei gripado. Mesmo com aquele ‘calorzão’ lá, estava horrível esse período. Aí eu disse “*vou tomar chá só para eu ficar gripado..”* Aí, no outro dia, nós estávamos lá em uma sala lá, acho que da negritude, e aí não sei o que foi que passaram distribuindo e eu disse que não queria. Aí, essa mãe de Santo estava bem, assim, do meu lado e olhou, e eu dizendo que não queria, não. Aí ela olhou *“ah, esse daí não agarra nada da gente”*. Aí , eu digo, *“ai ai ai… começou a história”*. Até porque na hora que eles estavam dançando, eu não queria ir dançar. Eu não danço, como é que eu vou dançar agora? E ela*“Esse, não agarra nada da gente, o senhor é muito desconfiado”.*  Eu digo, está bom…

**LUCIANE**

Que tipo de atividade cultural o senhor participa ou participava?

**XXXX**

Na época, a gente brincava, dançava, ia para essas festas dançantes. Participava de Bumba Boi, Tambor de Crioula, até de Macumba, até em festa de Macumba a gente ia. A gente ia só atrás de menina. Nas festas em que as meninas estavam lá, a gente ia atrás. Era só pra isso. Mas a gente participava. Nas brincadeiras, assim. Nas atividades culturais, a gente participava. Só que… depois, eu deixei. Até porque não deu mais para mim mesmo. E, hoje eu também não tenho discriminação com quem participa. Pra onde tu achar que está te dando bem, não tem problema nenhum. Agora, eu não vou. Mas também não tenho preconceito com quem vai pra Macumba, pra festa da santa, não... Desde que não esteja me incomodando, não é? Pois é… cada qual segue aquilo que é melhor pra você.

**LUCIANE**

Última pergunta, senhor XXXX, prometo. Com relação a... isso também eu presenciei lá, com as mulheres comentando… das novas famílias que vão surgindo pessoas mais claras…

[**pausa para troca de bateria**]

Como é que o senhor vê o casamento, a união de pessoas do quilombo com gente de fora? O senhor acha que isso, de alguma forma, ameaça a cultura ou não?

**XXXX**

Não, assim, por exemplo: se for uma pessoa de um outro Estado, às vezes, eu não sei até que ponto vai ameaçar. Mas sendo do município mesmo, não ameaça não.

**LUCIANE**

De um outro Estado ameaça? Ameaçaria?

**XXXX**

Dependendo, porque a gente não sabe o comportamento das outras pessoas. Às vezes, cada pessoa tem um tipo de comportamento. E… hoje, como está a sociedade, é muito complicado essa história de união de pessoas. Porque, daqui ali, o comportamento não é bom. E o relacionamento, às vezes, se torna complicado. Então, eu acho que uma pessoa, hoje, para chegar em uma comunidade e se casar com uma pessoa daquela comunidade… É muito difícil você aceitar. Porque eu, pelo menos, na minha família, para eu aceitar, eu preciso observar bem quem é as pessoas. Porque a coisa hoje está complicada, para aceitar esse negócio de relacionamento, de família, hoje…. Mas, a não ser de outra maneira, lá mesmo não tem assim muita complicação.

**LUCIANE**

O senhor se casou quantas vezes?

**XXXX**

Eu, só uma….até agora. E eu acredito que vai ser só uma, porque na idade que eu estou, não tem mais quem queira casar comigo.

**LUCIANE**

E ela está com quantos anos?

**XXXX**

A minha vai fazer 57. E aí…

**LUCIANE**

E como é que ela é?

**XXXX**

Rapaz, até agora ela ótima. Mas tem uns aí que se casam 2, 3 vezes. Mas eu me casei só uma e não estou arrependido também, porque até hoje nós estamos vivendo junto. Nós estamos há mais de 42 anos juntos. E eu creio que nós ainda vamos viver um tempo juntos, até quando Deus quiser.

**LUCIANE**

Então, o senhor se casou com ela e teve quantos filhos? Eita, um avião! Isso me deu medo! [risadas]

**XXXX**

Quantos filhos? Ah, tenho pouquinho, só 10.

**LUCIANE**

10 filhos?

**XXXX**

10 filhos...12 filhos. Morreram dois, só tem 10 vivos. O mais velho, morreu com 2 meses e 25 dias, parece. E o outro era gêmeo, só que apareceu morto, não nasceu. Tenho 10: 5 mulheres e 5 homens.

**LUCIANE**

10 vivos?

**XXXX**

Tenho 10 vivos. Tenho 15 netos: 10 mulheres e 5 homens. Faz a conta…

**RENATA**

A família é grande!

**XXXX**

Mas a família está crescendo muito. Quase eu não saía para cá. Por causa da minha netinha, uma de 8 meses outra de 5, completou agora no dia 11. Aì, uma gritando para eu agarrar ela, a outra gritando para eu agarrar ela. E aí, eu digo, “*não rapaz, que eu estou de saída, porque se não vou acabar passando do horário*”.

**LUCIANE**

Ah… legal. E a sua esposa, ela tem pele escura ou… ?

**XXXX**

Ela é bem mais escura do que eu.

**LUCIANE**

E seus filhos e filhas casaram com pessoas, a maioria, com a pele mais clara ou mais escura?

**XXXX**

Rapaz…

**LUCIANE**

Tudo misturado?

**XXXX**

Tudo misturado! A que casou… mais claro, não, da minha cor assim, a mais velha. A outra, essa que é gêmea, ele é um pouco mais moreno que você, um pouquinho. Essa que [cuja filha] está com 4 meses, 5 meses… casou ano passado, o dela é um pouco mais moreno que eu.

E as meninas...são tudo moreninha mais. Essa que está agora, essa que tem a de 8 meses, eu aporrinho ela: eu falo pra “*tu, pretinha, sua mãe é preta, seu pai é preto*”. Eu fico aporrinhando ela… Porque a gente brinca muito, não é? Mas é tudo moreninho.

Já eu tenho um neto que ele é bem claro... e tem os olhos um pouco mais chegados ao meu. Só que os filhos nenhum parece comigo, assim, nos olhos iguais aos meus....Agora esse neto tem os olhos [bem parecidos com o meu]

**LUCIANE**

Ah… Os netos já estão puxando os seus olhos azuis?

**XXXX**

Os netos são mais claros. Tem… Os 3 da mais velha são bem claros. Só que tem o cabelinho bem enroladinho, porque o pai deles era também bem claro, mas tinha o cabelo sequinho, porque a mãe dele também era negra. O pai dele era um … Todos os dois eram negros. O pai dele e a mãe dele. Ele era claro, mas o cabelinho meio seco.

Já o dessa mais nova não. Ela tem 5, só tem uma mais moreninha, a mais nova, a caçula. Os outros são bem branquinhos. E a caçula dela é bem moreninha, acho que puxou a avó dela.

**LUCIANE**

Certo… Está bom, senhor XXXX. Muito obrigada pela entrevista. Espero que o futuro da luta seja sempre positivo, com bons frutos...

**XXXX**

é o que a gente espera. A gente está contando com vencer mais essa batalha.

Porque nós, dentro dessa luta, nós temos na convenção 169, do artigo 13 ao 17, que fala sobre a terra, tem um artigo que diz que a gente para sair das nossas terras tem que ser com nosso consentimento. Ou então só existe uma causa para a gente sair, deixar nossas terras. E é catástrofe... são três causas: catástrofe, guerra ou epidemia. E nós já vencemos a primeira guerra, que foi a implantação da base. A segunda foi… a ACS. E agora vem uma epidemia, que é os Estados Unidos agora, novamente. Nós estamos lutando para vencer mais uma epidemia. Nós vencemos uma guerra, uma catástrofe e agora é epidemia.

**LUCIANE**

Mas… resistindo!

**XXXX**

Mas vamos resistir! E... lá no artigo tem um que diz que a gente depois que passar por todas… ou epidemia, ou a catástrofe ou a guerra, a gente tem direito de voltar... para as terras. Então nós não vamos nem sair, quanto mais ter que voltar. Nós vamos é sair, para não ter que voltar depois.

Então nós vamos enfrentar primeiro. E esse governo perdido, como ele está aí, não vai conseguir fechar contrato com ninguém. Na turbulência que ele está atravessando, vai ser difícil, vai ser difícil… Porque nós somos pequenininhos, mas nós somos corajosos. Nós vamos é para lá mesmo, e desafiamos ele lá. Porque eles não tem coragem de violar essa audiência lá o… o Ministro da Defesa foi convidado a participar da audiência pública, só que ele não…ele nem respondeu porque não ia na audiência pública. Porque não fomos nós que convidamos. Nós fomos para lá convidados. Mas a Câmara dos Deputados convidou ele a aparecer e ele nem justificou o porquê não foi na audiência. Aí, eu disse, *é porque eles têm medo de nos enfrentar*. Porque eles não têm o que dizer de porque eles querem nos tirar de lá?

**LUCIANE**

Não tem argumento...

**XXXX**

Não tem argumento. Ai… porque… Vai ser difícil deles nos convencerem. Vai ser difícil deles nos convencerem, porque, uma coisa é o governo querer manter uma base daquela, ganhar dinheiro... Outra coisa é nós não podermos sair dali para o centro do município. Porque, a nossa preocupação, é a mesma preocupação daquelas comunidade que já moram ali. Aqueles que receberam aquelas agro-vilas, aquelas terras de agro-vilas, eles tiveram um dano muito grande. Dano ambiental, danos pessoais, porque eles perderam parte das suas terras, dos seus recursos naturais. Tudo isso eles perderam. Então, esses, hoje, que estão sujeitos a nos receber, também vão ter esses prejuízos. Então, eles não querem receber a gente por isso. Por um lado, acha que é bom, vir mais gente para perto. Mas pelo outro, prejudica pela questão dos recursos naturais. Ambos os lados: tanto para eles quanto para a gente.

**LUCIANE**

Eu lembro que quando eu comecei a participar dos movimentos sociais, estava no auge da campanha contra a ALCA[[2]](#footnote-2) e havia também mobilização muito forte de divulgar o que era a ALCA e como iria prejudicar a população. Eu acho que está faltando isso: mostrar para a população como que essa vinda da base …

[áudio prejudicado]

**XXXX**

Não, mas olha, foi isso que foi questionado lá e está sendo solicitado para o Ministério da Defesa, para ele responder pra gente, lá para o Ministério Público, a origem desse acordo. O que que ele quer com esse acordo. Porque até agora esse acordo não… ainda não foi assinado e… a gente não tem nada de concreto. O Governo ainda não chegou em Alcântara e falou *“olha, nós vamos precisar dessa área”*. Então, estamos ouvindo dizer pela mídia. Nós estamos nos mobilizando para não deixar que aconteça e depois corrermos atrás. Não, nós estamos nos antecipando. Mas nós só estamos sabendo através da mídia. Não temos nada oficial para dizer *“oh, está aqui”*.

Então, nessa época da ALCA, é bom você saber… Vai fazer 15 anos. 15 anos... A minha filha caçula estava com 7 dias de nascida quando eu viajei para Brasília. Nós viajamos, um grupo aqui de Alcântara. Ela estava com 7 dias de nascida, vim do interior para cá, não fui nem em casa. Vim direto. Eles me ligaram, cheguei aqui… Deixei ela aqui antes de ganhar neném. Aí, eles me ligaram que a gente ia ter que viajar para Brasília. Eu vim de lá para Alcântara, cheguei aqui só peguei o carro, e fui embora. Nós fomos de carro. Quando eu fui pra Brasília ela tinha 7 dias de nascida. Exatamente eles estavam na reunião da ALCA, nesse dia lá no congresso. Aí, nós fomos um grupo daqui de Alcântara, daqui do Maranhão, mas só quase de Alcântara mesmo. Era todo mundo de Alcântara, é… E tinham 2 ônibus do pessoal da Bahia, que estava reivindicando o direito da água que o Governo queria vender. Não sei qual que era o tipo de fonte que o Governo queria vender. Eles estavam lá. Só que quando nós chegamos, lá no Congresso Nacional, nós fomos barrados. Porque estavam em reunião da ALCA e não podiam receber ninguém. Só os credenciados para participar daquela reunião. Da ALCA…

E aí, nós ficamos lá fora. Nós e o pessoal da Bahia também ficou junto com a gente, ficamos lá na portaria lá, barrados. E tinha uma menina da prainha daqui de Alcântara, que trabalhava na CONTAG[[3]](#footnote-3) na época, era secretária lá da CONTAG, e ela estava lá com a gente. Só que ela podia entrar. Mas nós não podíamos entrar. Então ela disse *“então, não vou entrar. Não vou deixar meus conterrâneos na rua, eu não vou para lá e deixar eles na rua…”* Ela ligou para o deputado Domingos Dutra, aqui do Maranhão, que estava nos acompanhando. Aí ele foi por lá e mandou todo mundo entrar. E entramos, todo mundo. O pessoal da Bahia entrou. Também terminaram com a reunião da ALCA. Acabou-se ALCA… acabou-se tudo. Nunca mais… A gente ouve falar é assim quando estamos conversando sobre a ALCA. Foi nesse período… minha filha vai fazer 16 anos agora… daqui uma semana já, duas semanas… Ela estava com 7 dias de nascida, nós estávamos lá em Brasília reivindicando a luta...

Aí, nós não íamos falar com ninguém… Aí, um deputado, que eu já não me lembro o nome dele, eu esqueço muito nome do deputado, um senhor já de idade, ele disse lá para os deputados que era para eles se reunirem com a gente, porque ele sabia a dificuldade que era a gente ir do Maranhão para Brasília, e chegar lá e não ser nem ouvido por eles. Então, que eles fizessem a gentileza de nos receber lá. Aí eles se reuniram com a gente, a gente contou a nossa história… E eu gostei demais da ideia dele. É porque eu não me lembro do nome dele não, do deputado. Porque se não, a gente não teria nem sido atendidos nesse dia lá. Mas, graças à Deus... mas nesse dia aí, o projeto era exatamente contra os Estados Unidos, ainda. A gente estava brigando para que não acontecesse. Então… até hoje nós temos resultado positivo nessa luta.

**LUCIANE**

Tem até vereador Quilombola agora...

**XXXX**

Se tem? Tem um de Tamatatiua. Tem… lá de Alcântara mesmo tem lá(...)

**LUCIANE**

Ribinha, né

**XXXX**

Ribinha, sim, conheço a mãe dele.

**LUCIANE**

A mãe dele é Dna. Isabel

**XXXX**

Não é Isabel, não..não me lembro, mas não é Isabel, não. Mas eu conheço...

**LUCIANE**

Como é que o senhor vê isso? Não precisa gravar se o senhor não quiser: A participação dos quilombolas é positiva, traz resultado positivo para a luta?

**XXXX**

Tá gravando?

[áudio encerrado]

1. Alcântara Cyclone Space. Era uma empresa pública binacional de capital brasileiro e ucraniano constituída em 31 de agosto de 2006 com o objetivo de comercialização e lançamento de satélites utilizando o foguete espacial ucraniano Cyclone-4 a partir do Centro de Lançamento de Alcântara. Em julho de 2015, a cooperação entre os dois países foi cancelada pelo governo brasileiro. [↑](#footnote-ref-1)
2. Área de Livre Comércio das Américas [↑](#footnote-ref-2)
3. Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores [↑](#footnote-ref-3)